

Aude Kater

Ao encontro de si



Casa Contemporânea

Curadoria: Marcelo Salles

28 de setembro a 26 de outubro de 2024

“Só me interessa agora os passos que tive que dar para chegar a mim mesmo”
Herman Hesse, in Demian

Máscaras são objetos arquetípicos dos “humanos”. Surgem como elementos de mediação entre a Natureza e os corpos desses humanos ancestrais. Vários estudos indicam que as máscaras se iniciam com as mulheres¹; nesse mundo pré-histórico a fusão com os elementos da natureza ainda não permite a diferenciação dos entes e a mulher, a fêmea da espécie, é a portadora-símbolo dessa fusão: ela possui a “magia” da reprodução, de um processo do qual não se conhecia o transcorrer, mas que surge como fenômeno. O medo do desconhecido precisa ser dominado e isso é feito com a separação entre a Natureza e o indivíduo. O ato de subjugar o desconhecido ocorrerá através de uma forma simbólica: à mulher será interdito o uso e a produção da máscara. Agora o homem domina o processo.

...

A exposição “Ao encontro de si”, de Aude Kater, condensa quase quarenta anos de sua prática em arteterapia e arte-educação, centrada na relação arquetípica e simbólica das máscaras. Nesse processo que originou obras que surgiram no último triênio, algumas das quais presentes na exposição, há essa transformação que torna mais densa (ainda que paradoxalmente numa montagem rarefeita), abstrata (em parte) e simbólica sua produção. Através de objetos contemporâneos a mostra se estrutura em três linhas que se entrelaçam para tratar de questões prementes nestes nossos tumultuados tempos, a saber, a concepção de Natureza (e sua degradação), a memória (enquanto lembrança ou ausência de algo) e os corpos (os estudos de gênero). É importante destacar, ainda, que a fatura desses objetos envolve o conhecimento técnico acumulado, mas sem render-se à ideia do bom acabamento ou à “estética da gambiarra”².

Penso que aquela densidade já está presente em “Sem título” de 2021; nela pequenas máscaras estão fixadas em eretos bastões metálicos. Há um caráter ritualístico que celebra a diversidade (através dos tipos de rostos), mas também a dimensão primitiva e mítica da morte numa batalha³. Trabalhos como “Sem título” (Tronco) e as gravuras se valem daquela Natureza em degradação ou até mesmo da ausência do que seria representado. A ausência efetiva do tronco cortado e moldado in loco pela artista ou através da técnica do relevo seco⁴, usando galhos mortos nas gravuras. Frases gravadas em relevo, nos papéis ou no gesso modelado, atraem nosso olhar para a leitura, mantendo-o após o impacto imagético. De maneira mais simbólica, “ausência-

1 - Por ocasião da exposição “Ao encontro de si”, a artista lançou o livro “Da máscara à face interna, uma jornada ao encontro de si: Processos de criação em Arteterapia e Arte-educação”. Nele a autora narra sua trajetória, mas também cita suas referências de pesquisa como o antropólogo Jean-Thierry Maertens, o diretor de museu Michel Revelard, entre outros.

2 - Denominação de uma vertente de produção na arte contemporânea feita no Brasil que distorce o conceito de bricolagem e o viés antropológico embutido por uma simplificação mais ligada a junção de elementos diversos em um mesmo objeto artístico e “desleixo” encenado.

3 - Os indígenas da etnia Jivaro ou Shuar, encolhem as cabeças de seus oponentes como maneira de se apossar de sua força energética.

4 - Usada em gravura para imprimir um elemento que possua volume, criando um resalto no papel que mesmo sem a utilização de tinta torna-se visível.

presença 1” e “ausência-presença 2” também lidam com a ausência de um ente. A artista explora, como dualidade estética, a materialidade branca da maioria dos trabalhos, no primeiro, e a cor aquecida no segundo. Seguindo essa linha, através de uma relação mais abstrata, “Sem título” se apresenta enquanto escada cindida em duas partes idênticas com um espaço de mesma dimensão entre elas. Aude molda a ausência pelo negativo da presença, ou seja, pelo vazio. Essa noção de negativo é muito presente nas artes visuais; fazer com que algo invisível, o vazio, por exemplo, torne-se perceptível por sua ativação. Numa ligação muito importante, a arteterapia procura justamente dar a ver áreas do consciente e do inconsciente abrigados nos corpos que circulam pelo mundo. “Da máscara à face interna” possibilita, de forma simbólica, ver a dualidade, ainda que como espelhamento, que nos habita ao mesmo tempo. Acessar essa “visualidade” acontece de duas maneiras diferentes em outros dois trabalhos: “Sem título”, que se faz como inventário de nossa multiplicidade através de faces diminutas colocadas em nichos; e “Memórias a restaurar”, esse recorrendo novamente a uma abstração mais direta, pois os álbuns ou livros guardam personagens, histórias ou traumas que não podemos acessar, mas no qual nossa imagem refletida fica evidente ao tentarmos fazer este acesso. Os “Sem título” recorrem a uma formalização mais direta dos gêneros, através de uma figuração esquemática dos corpos como “bonecos”; estudos (como as teorias queer) e o tratamento dado pela mídia mostra a pertinência da discussão sobre este tema e como ele tem se mostrado incontornável.

Entendo que dois trabalhos fecham o ciclo discursivo da exposição. “Totens”, que dialogam com a primeira obra comentada (os rostos montados sobre bastões), trazem uma conexão com a memória pessoal da artista e também aquela dimensão um tanto primitiva e totêmica que eles representam; pequenos deuses de uma minúscula Ilha de Páscoa com seus segredos inacessíveis. E por último “Sem título”, onde a artista utiliza a mesma técnica da atadura gessada usada para fazer as máscaras durante tanto tempo; mas agora a máscara se fragmenta e, silenciosamente, nos leva a compreender o todo pela parte.

...

A base psicanalítica da arteterapia e sua adequada aplicação pelo profissional responsável possibilitam resultados surpreendentes. Isto acontece pois “quando o consciente está muito crispado, as mãos são frequentemente as únicas capazes de imaginar”⁵ e as representações simbólicas que se constroem ocasionam uma primeira acomodação ao real. Todavia, quando essa base psicanalítica suplanta outras formas de abordagem do real a arte contemporânea parece ficar aquém de suas potencialidades. Aude Kater consegue escapar a esta armadilha intelectual, penso, devido a sua dedicação, curiosidade e sólida formação cultural. Dessa forma ela consegue lidar com aquele tripé de temas citados (natureza, memória e corpos), expandindo-o significativamente através de um entrelaçamento muito rico. Na infância da sociedade humana o processo de separação da natureza irá acontecer através de processos de substituição, como o uso das máscaras, onde a ritualização será importante para estabelecer a diferenciação entre sujeito e objeto. Para mantermos a analogia esclarecedora é assim que também acontece com o bebê quando percebe que ele e a mãe não são uma unidade; neste momento começa sua trajetória rumo a uma existência independente⁶. Aude, através de sua experiência prática e estudos com as máscaras e a simbologia que elas carregam do mundo arcaico, percebeu que a compreensão do afastamento da Natureza não tem apenas uma dimensão de perda; ou seja: a passagem do pensamento mítico para o pensamento racional é um processo evolutivo que exige pensá-lo enquanto dualidade. Nesse ponto a artista se alinha a alguns pensadores contemporâneos de áreas tão diversas como a antropologia, a sociologia, a filosofia, a psicanálise, nesse entrelaçamento tão caro à arte contemporânea. Mas ainda há uma dimensão que a artista recupera, para mim, como uma homenagem às mulheres que primeiro lidaram com as máscaras, fazendo e expandindo nossa compreensão, em suas próprias palavras, pois “a máscara esconde, mas revela”.

Marcelo Salles
Setembro de 2024

5 - Frase do psicanalista Carl Gustav Jung, citada pela artista em nossas conversas.

6 - A partir do livro “Os bebês e suas mães”, de Donald W. Winnicott.